O CLIMA E A SALUBRIDADE DO CEARÁ

Vinicius Barros Leal

Na conceituação moderna de colonização está implícito o conhecimento do clima e salubridade da terra conquistada.

Tal não ocorria no século das descobertas. Fatores outros, diversos,, se sobrepunham a esta importante informação acerca das possibilidades de adaptação do homem ao meio recém subjugado.Na atual posição do desenvolvimento científico, qualquer tentativa de transplante de populações para outros climas, no sentido de empreendimentos de natureza política, social, econômica ou sanitária, primeiro que tudo, um perfeito juizo das condições climáticas da área a ser ocupada se impõe.

Verifica-se aí, sobretudo quando no intento de povoamento, nas tentativas de colonização por indivíduos de outras raças e de outras regiões, a sua adaptação ao clima local. E nem só isso: as possibilidades de eficiência e rendimento desses homens no novo meio. É bem sabido que o clima condiciona o progresso da atividade humana. Ellsworth Huntington, em "Civilization and Climate" (1) bem caracterizou o fato. Climas excessivamente brandos, com poucas variações termométricas, são fatores negativos ao pleno desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais de raças européias mais civilizadas. Verifica-se um embotamento da energia, do poder de iniciativa, uma acomodação às qualidades desestimulantes do clima, provocando um quebrantamento de forças, uma falta de vigor, de vitalidade, uma apatia, enfim.

O colonizador do século XVI desconhecia estas teorias. Na sua ambição desmesurada, na impaciência de novas conquistas, na pressa da cobiça, levou tudo de roldão. Em compensação, o português, como também, em muito menor escala o espanhol, tinha uma maneira diferente de se acomodar à nova terra, pelo despreso às convenções sociais da época. Misturava-se com as raças mais diversas, adotava os costumes dos conquistados. Isto concorreu para que os cientistas do nosso século encontraram no estudo de outros povos colonizadores.

Na África, por exemplo, em algumas colônias de clima idêntico ao nosso, Robert Ward (2) fez essa observação: "Dentro dos trópicos, sob o sol equatorial e onde existe abundância de umidade, a vida animal e vegetal alcança o seu maior desenvolvimento.....A natureza trabalha demais e pouco deixa que fazer ao homem.....Sem a obrigação de trabalhar a vontade de progredir e de desenvolver os recursos dos trópicos falta geralmente. Daí provém a reputação atribuída aos nativos dos trópicos de serem indolentes e de não merecerem confiança". E mais adiante: "Mas é incontestável que as raças mais enérgicas e empreendedoras não se desenvol-

veram nas fáceis condições de vida dos trópicos''. É bem verdade que esse mesmo autor, apesar desta generalização, lembra as grandes civilizações que se desenvolveram em plena região tropical, tais como a egípcia e a indiana.

No estudo que faremos a seguir, procuraremos demonstrar uma aparente contradição do que acima foi referido, na larga documentação existente sobre a vitalidade do homem de nossa região nos tempos mais primitivos. É por demais conhecida a influência do clima sobre o organismo humano. E, no caso em tela, do estudo dessa ação maléfica ou benéfica sobre a saúde do habitante do trópico brasileiro, vamos verificar as diferentes opiniões de diversos autores, dos cronistas, dos missionários, dos viajantes e cientistas, sem despresar as comunicações oficiais dos funcionários estatais.

A primeira informação sobre o estado sanitário da Terra de Santa Cruz, foi a do nosso cronista-mor, Pero Vaz de Caminha. É de sua carta o seguinte período: ''Porém, contudo, andam (os índios) muito bem curados e muito limpos e naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias montezes, que lhe faz o ar melhor pena e melhor cabelo que as mansas; porque os corpos seus são limpos e tão gordos e formosos que não podè mais ser e isto me faz presumir que não tem casas nem moradas em que se acolham e o ar em que se criam os faz tais''. E, mais adiante: ''Andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos'' (3).

A ''Crônica da Companhia de Jesus'', do Padre Simão de Vasconcelos é um repositório riquíssimo de loas às qualidades do clima do Brasil. São dele , estes conceitos: ''A Região do ar é reconhecidamente vital, um quase segundo Paraíso, uma perpétua Primavera.....donde andam desterradas as pestes e ramos delas e doenças contagiosas; e sem esta injúria dos climas morrem os homens cheios de dias e de anos''.

Lery (4) e Gabriel Soares (5) não deixam por menos. O primeiro, observa que os índios são ''mais fortes, mais robustos e menos sujeitos a doenças'' do que os europeus. Soares, observa-lhes os dentes, que são ''alvos, miudos, sem lhes nunca apodrecerem; têm pernas bem feitas e os pés pequenos'', etc. Essas observações foram frequentes. Os primeiros jesuítas, em suas cartas ânuas não esqueciam os detalhes da excelência ou qualidade da raça autóctone.

O Padre Anchieta, em sua ''Informação do Brasil de 1585'', observa: ''o clima é geralmente muito temperado, de bons e delicados ares e mui sadios, onde os homens vivem muito, até 80, 90 e mais anos, e a terra está cheia de velhos''.

Melhores observadores, foram os holandeses. Elias Heckmann (6) assim os descreve (aos índios): ''Ose seus ossos são grossos e fortes, a cabeça grande e espessa. As mulheres são indistintamente pequenas, mui bonitas de cara. Em geral (estes índios) atingem uma idade avançada''. Outros cronistas holandeses repisam a longevidade alcançada pelos silvícolas,

sempre confirmando serem "extraordinariamente altos e corpulentos, cobertos de uma pele trigueira" (7). Carlos Studart, grande estudioso dos problemas antropológicos de nossos incolas confirma estas mesmas opiniões e, em "Os aborigenes do Ceará" (8) assevera: "Os indígenas que na época do descobrimento e da conquista senhoreavam o Ceará, eram robustos e bem dispostos".

A afirmação de valor incontestável e de um sabor setecentista pela autenticidade do testemunho e graça do exprimir, nos oferece Pedro Carrilho de Andrade em sua "Memória sobre os Índios do Brasil" (9). Diz ele ali: "São homens bem dispostos, sadios, sem achaques e de largas vidas que bem se podiam comparar com as cobras de quem dizem os poetas, que não morrem nunca de velhas, senão quando se as matam".

Declarações tais foram uma constante até o início do século XIX, se bem que nessa época já fosse bem diferente o panorama sanitário cearense. Mas a opinião de Lord Cockrane (10) era ainda de que "os chefes indianos, assim como a gente que deles dependia, foram de grande préstimo na retenção da ordem (1824), combinando robustez corporal, superior atividade, energia e docilidade e força de aturar que nunca falhava, formando, com efeito, os melhores padrões de raça nativa que eu vira na América do Sul". É um depoimento valioso de um homem que conhecia bem o continente e não tinha maior interesse em agradar.

O nosso grande Tomáz Pompeu Sobrinho, sábio conhecedor das coisas do Ceará atribui esta salubridade à "temperatura amena e relativamente doce, sem variações sensíveis". Esta opinião é corrobada por diversos estudiosos que dão uma ênfase especial aos fatores insolação, correntes aéreas higienizantes, ausência de pântanos e águas estagnadas, etc.

Vejamos alguns desses juízos. É do Dr. Tomaz Pompeu a afirmação de que "a permanência de temperatura sempre igual, sem as alterações bruscas que tão nocivas são às vias respiratórias, máxime na 1ª idade, concorre para manter inalterável a constituição médica da província, impedindo ou dificultando a invasão de epidemias mais ou menos mortíferas. A própria situação topográfica aberta para a zona marítima, sem altas montanhas que impeçam a circulação regular dos ventos oceânicos, de leste, facilita a obra de saneamento. Clima quente e geralmente seco não exaure as forças musculares, nem debilita o homem, como acontece em outras Províncias mais favorecidas de umidade permitindo o uso de toda atividade, até idade avançada" (11).

Não difere a opinião do douto Barão de Studart, historiador e médico (12)

Deixando de lado esses mais recentes e valiosos depoimentos, vejamos mais uma vez, nas palavras de cronistas e viajantes, seus pensamentos acerca das condições vitais do Ceará nos primeiros séculos.

Na "Relação Sumária das Cousas do Maranhão" o Cap. Simão Estácio da

Silveira, em 1624 (13), compara o clima desta parte do Brasil com o da Europa. Diz ele: "nos são gratos e sadios os seus ares, quando lá imos; e que os naturais dali vindo aos nossos logo morrem". Atribui aos ventos que "cursam de ordinário do nascente e vem com o sol e com ele crescem e se põem" (13). Termina num ufanismo bem evidente: "Eu me resolvo que esta é a melhor terra do mundo, donde os naturais são muito fortes e vivem muitos anos e consta-nos que, da que correram os portugueses, o melhor é o Brasil, e o Maranhão é o Brasil melhor". (15)

De 1637 temos o testemunho de Gedeon Morris de Jonge, em seu relatório que terminava por afirmar que: "O seu ar (do Ceará) é saudável e há abundância de mantimento". (16)

Na crônica do Padre Betendorff (17) encontramos também uma valiosa opinião acerca da salubridade do Ceará. Diz ele, mais ou menos em 1684: "Chegados que fomos ao rio Paramiry (perto de Granja), entramos pela enseada dentro. (...)Aqui nos resolvemos, com o Padre Visitador Barnabé Soares, a saltar em terra e acabar a pé o restante da viagem até o Ceará (atual Fortaleza) pelas praias, visto não distar senão um pouco, conforme as informações de Padre Pedro Poderoso, prático daquelas paragens, por ter andado por elas. (...) Achamos aquele lugar ser um paraisozinho com belas terras, águas e ares preciosos". Está bem evidente pela voz do padre, observador e inteligente, que as condições climáticas do litoral cearense eram as mais propícias ao viver saudável.

Estas opiniões vão sendo sempre confirmadas, e à medida que a terra é mais visitada por europeus melhores informações nos são oferecidas. Por volta de 1750, quando já havia um esboço de colonização mais ou menos organizado, quando as aldeias estavam florescentes e o número dos missionários crescia, o Pe. Manuel Pinheiro, jesuíta, na sua "Notizie delle fatiche"...(18) repete aqueles mesmos conceitos de seus predecessores nas plagas cearenses. Diz ele: "Questa popolazione é piantada in una ampia pianura: il cielo é salubre, como para lo sono lácqua de farsene uso per bere". Daí por diante temos nos relatórios dos Governadores da Capitania e dos Presidente da Província e mais autoridades, as afirmações das excelências do nosso clima. Fausto de Aguiar exalta esta salubridade achando-a "forte garantia contra o desenvolvimento de moléstias epidêmicas e de ruim caráter" (19). Mais tarde tivemos aqui a famosa Comissão Científica Exploradora, composta por especialistas de real gabarito e que apesar das muitas críticas recebidas revelou-se, de fato, um precioso empenho de S.M. para o perfeito conhecimento científico do Ceará. Renato Braga (20), que estudou e divulgou os trabalhos dessa quase esquecida, humilhada e caluniada Comissão, nos ofereceu a oportunidade da leitura de algumas peças importantes saídas das penas de seus principais integrantes. Dessas, o relatório do Dr. Freire Alemão é claro no respeitante às condições climáticas e sanitárias do Ceará. Perante o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

afirmou o cientista, em reunião presidida por S. Majestade o Imperador, que depois de uma viagem de 70 ou 80 léguas, isto é, do Cariri a Fortaleza, apesar das péssimas estradas e das más condições de conforto, graças aos ares de nossa terra chegara até mesmo restabelecido de certos padecimentos que o acometeram na serra do Araripe. Termina sua preleção afirmando com entusiasmo: "Tal é a salubridade daqueles sertões.. (21).

Gonçalves Dias, também membro da Comissão, descreveu no Jornal do Comércio do Rio, com entusiasmo, as boas qualidades de nossos ares, que se manifestavam na aparência de seus habitantes: "A Província que apresenta os tipos mais belos e mais característicos da mistura das duas raças" (22).

Um dos nossos mais afamados e queridos médicos foi o Dr. Castro Carreira. Em 1850, estudando as condições climáticas de Fortaleza, admirava-se da salubridade da terra, e que apesar de já existirem causas suficientes para um desequilíbrio ecológico, continuava isenta de maiores prejuízos para a saúde dos seus habitantes (23).

Os "Apontamentos" de Eduardo M. Peixoto (24) insistem pela raridade das epidemias, graças à "amenidade do clima".

Na linha dos viajantes e cientistas estão os depoimentos de Albert Loefgren (25), de Adolfo Dacke (26), de ingleses e americanos vindos ao Ceará para estudos dos problemas das secas periódicas.

Os nossos próprios estudiosos, quer os que limitaram seus trabalhos a determinadas regiões ou a uma visão global do Ceará têm o mesmo pensamento. Eusébio de Sousa, brilhante intelectual que percorreu diversas comarcas cearenses, sempre interessado pelas cousas locais, teve oportunidade de manifestar-se sobre a salubridade de Ipu (27), de Russas (28), de Quixeramobim (29) e Quixadá, em suas utilíssinas "Crônicas". Em todas essas cidades verificou, depois de detidas e criteriosas observações, as excelências das condições de salubridade das mesmas regiões. O Ipú, nesse ponto de vista, descreveu - o "pouco sujeito a epidemias". Quixadá e Quixeramobim deram-lhe os inumeráveis testemunhos de pessoas dos mais distantes pontos do país que as procuravam para colocarem seus organismos nas condições ideais de saúde e bem estar.

Mas, a palavra final deste capítulo só poderá ser dada pelo Dr. Tomáz Pompeu Sobrinho, o douto e mui justamente reverenciado sábio cearense. Ele nos oferece, com o valor de sua palavra de profundo conhecedor das ciências naturais, as razões dessa tão apregoada e notável salubridade. Em "O povoamento do Nordeste Brasileiro" (30) afirma, com segurança, serem responsáveis pela salubridade do Ceará: "A largueza dos campos, a limpidez dos céus, a sucessão das estações, sem exagero de frio ou de calor, embora uma grande amplitude entre os coeficientes indicativos de umidade atmosférica, as condições impróprias para a proliferação de germes patogênicos, a raridade de moléstias que se transmitem, como a sífilis, a blenorragia,

a tísica, a ausência completa de outras, como a lepra, etc. Em outro trabalho seu, "O Homem do Nordeste" (31), dá-nos mais esta aula: "A terra é por sua mesma natureza sadia, batida de ventos constantes e temperados, sem variações rápidas de temperatura; oferece um notável contraste de umidade no curso do ano, o qual impossibilita a aclimação de muitos seres patógenos que proliferam nas regiões normalmente úmidas, condições essas de salubridade reforçadas pelo tipo de vegetação desta, a caatinga, cujo recesso, mesmo no período pluvioso, a luz solar penetra mais ou menos profundamente, exercendo sua ação saneadora".

Todas essas observações podem ainda ser comprovadas pelas afirmativas daqueles que buscaram nos ares cearenses o lenitivo de suas enfermidades" no dizer de D. Diogo de Menezes (32), na Razão do Estado do Brasil", até os exemplo mais recentes de José de Alencar, que a conselho médico, em 1847, procurou sua paragem natal para remédio de seus incômodos de saúde; do cientista J. Hubber que aquí esteve no mesmo propósito, de Ducke (33), Koster (34), o húngaro Carlos Kornis de Tatvarad (35), dos missionários do norte do Brasil, de Manuel Bandeira, Humberto de Campos e tantos outros. Foi razão convincente também para justificar a vinda ao Ceará do célebre ouvidor João Antonio Rodrigues de Carvalho (36) que, certo da aceitação geral de sua desculpa, acreditava longe estar o Governo cearense em reconhecer-lhe a aleivosia e traição.

BIBLIOGRAFIA

1) **Huntington, Ellsworth** - "Civilization and climate", cit. por Henrique Morize, in Dic. Hist. Geogr. Enogr. do Brasil, vol. I
2) **Ward, Robert** - "Climate considered especially in relation to man", in Dic. Hist. Geogr. Etnogr. do Brasil, vol. I
3) Abreu, Capistrano de - "Vaz Caminha e sua Carta", RIC - 1910 p. 143
4) Lery, Jean de - "Viagem à Terra do Brasil", p. 101
5) Sousa, Gabriel Soares de - Tratado Descritivo do Brasil em 1587, P. 300
6) Heckmann, Elias - cit. por Pompeu Sobrinho, RIC, 1937, p. 355
7) Pompeu Sobrinho, Thomaz - "O Homem do Nordeste", RIC 1937 p. 331
8) Studart Filho, Carlos - "Os aborígenes do Ceará", Editora do Instituto do Ceará, 1965, p. 23
9) Andrade, Pedro Carrilho de - "Memórias sobre os índios do Brasil", RIC 1965, p. 344

10) Coleção Studart - ''Documentos para a História da Confederação do Equador no Ceará'', Doc. nº 66, RIC 1924, p. 454
11) Pompeu, Thomaz - ''População do Ceará'', RIC, 1890, p. 74/255
12) Studart, Barão de - ''Geografia do Ceará'', RIC 1924, p. 28
13) Silveira, Estácio da - ''Relação Sumária das Cousas do Maranhão'', RIC 1905, p. 140
14) Idem, mesma página
15) Ibidem, p. 154
16) ''Documentos para a História do Brasil, especialmente do Ceará'', RIC 1910, p. 203
17) Trechos da Crônica do Padre Bettendorf relativa ao Ceará, RIC 1910, p. 203
18) Pinheiro, Padre Manuel - ''Notizie delle fatiche sofferté dai NN.PP. nel prendere il possesso delle populazione del Siará'', Ric 1932, p. 212
19) Cruz, Abreu - ''Presidentes do Ceará'', RIC 1920, p. 123
20) Braga, Renato - ''História da Comissão Científica de Exploração'', p. 41
21) Abreu, Silvio Frois - ''A Comissão Científica de 1859'', RIC 1919, p. 202
22) Braga, Renato - op. cit. p. 48
23) Cruz, Abreu - ''Presidentes do Ceará'', RIC 1928, p. 38
24) Peixoto, Eduardo M. - ''A Câmara da Vila de Nossa Senhora da Assunção do Ceará Grande, o seu edifício'' - Apontamentos por RIC 1906, p. 15
25) Loefgren, Alberto - ''Ceará, Notas Botânicas'', RIC, p. 131
26) Dacke, Adolfo - ''Explorações Botânicas e Etnológicas no Ceará'', RIC 1910, p. 5
27) Souza, Eusébio de - ''Crônica do Ipu'', RIC 1915, p. 216
28) Idem
29) Ibidem - ''Notícia Geográfica e História Descritiva do Município de Quixeramobim, RIC 1914, p. 192
30) Pompeu Sobrinho, Thomaz - ''Povoamento do Nordeste Brasileiro'', RIC 1937, p. 137
31) Pompeu Sobrinho, Thomaz - ''O Homem do Nordeste'', RIC 1937, p. 371
32) Moreno, Diogo de Campos - ''Livro que dá razão do Estado do Brasil'', p. 207
33) Dacke, Adolfo op. cit. p. 5
34) Sousa, Eusébio de - ''Pela História do Ceará'', RIC 1930, p. 248
35) Studart, Barão de - ''Estrangeiros no Ceará'', RIC 1918, p. 209
36) Studart, Barão de - ''Coleção'' - Documentos para a História da Confederação do Equador no Ceará'', 1924 (Pepecial)